

# panorama literário

A «Cambridge Library of Modern Science» acaba de editar o 2.º volume da sua coleção de divulgação da ciência moderna. Neste volume intitulado «Background of Modern Science» colaboram entre outros Rutherford, Eddington, etc.

Ao primeiro — «The Evolution of Physics» — de Einstein faremos uma mais larga referência num dos próximos números.

Na colecção «Ciment» da E. S. I. a que pertencem obras como «L'acier fut trempé», «1919» de John dos Passos, saiu recentemente mais um volume: «Manières de Blanc» de Marthe Arnaud.

Saiu a «Revista dos Sábios Alemães no Exílio».

Vasco da Gama Fernandes, na sua «Biblioteca de Ensaio de Vulgarização Cultural», vem desenvolvendo uma actividade louvável em prol da cultura. Após *O Problema do Extremo Oriente* — 1.º volume desta biblioteca — saiu há pouco o livro *Temas de Sempre*, em que aquele nosso colaborador aborda assuntos de grande interesse e actualidade.

Ao número reduzido de revistas literárias brasileiras que citamos no número anterior veio juntar-se «Esfera», com seis números publicados. Além de colaboração diversa de brasileiros, insere em todos os seus números várias colaborações de portugueses, e ainda uma secção de análise ao panorama cultural do nosso país, nem sempre conduzido com a clareza e objectividade precisas.

«Esfera» constitui um magnífico órgão de intercâmbio cultural luso-brasileiro (apesar da restrição feita) que *Sol Nascente* saúda com a melhor camaradagem.

Recebemos:

*Sem método*: notas sertanejas — por João de Araújo Correa, com prefácio de Vergílio Correa e capa de Octávio Sérgio. Edição da Imprensa do Douro, Régua, 1938.  
*de Estela Brandão (Simone) Regras de viver na sociedade e Para vós, minhas senhoras*, Livraria Simões Lopes, 1938.

sol nascente

## (continuação DA PÁGINA ANTERIOR)

de alegre, de enérgico, de fatalista... e fixa, em oito singelos compassos, a poesia inteira da raça... «balouçando — como diz Antero de Figueiredo — o dizer... — ou o cantar, — com ritmos tirados dos cantos das aves, e das cantigas das águas correntes da terrinha natal...»

Tiremos à Espanha as suas Jotas, os seus Zortizcos, o seu portentoso *Cante flamenco*; tiremos à Itália as suas Barcarolas, as suas Gondolieras, as suas Tarantelas; à Hungria as suas Czardas; à Polónia, as suas Mazurkas e Kracovias; ao Islam todo, o seu canto do Muezzin e as suas nostálgicas cantilenas...

Tiremos, tiremos tudo isso, e veremos depois se o elemento *filisteu*, lá daquelas terras, acha equivalências sonoras e cores suficientemente brilhantes para matizar — e transmitir-nos — o temperamento, a essência, o espírito, a alma das suas pátrias!... Pois bem: Esse poder de transmissão — que também contém o Fado, — é precisamente o que nos encanta e subjuga na omnipotência psicológica da música popular...

As obras para piano de Alexandre Rey Colaço são: «Nove Fados»; «Cantigas de Portugal»; «Suite Portuguesa», (que orquestrou pouco antes da sua morte); «Mallaguenhas»; «Cante flamenco N.º 1, trecho no género andaluz»; «Jaleo», (Cante flamenco N.º 2); «Danse des aissahouas», (Esquisses marroquinas N.º 1); «Dans la montagne», (Une nuit à Djama-el-Mokrah — Esquisses marroquinas N.º 2); «Vira», «Canção do Mondego» e «Baillarico».

Rey Colaço, na sua faceta de escritor, colaborou na «Arte Musical», magnífica revista dirigida por Lambertini que se publicou em Lisboa, e era o correspondente da «Revista Musical» de Madrid. Em 1907, iniciou uma pequena biblioteca de vulgarização musical: Publicaram-se os seguintes trabalhos: «Conselhos aos jovens músicos» por Roberto Schumann (traduzido do alemão por Rey Colaço); «A Música em Portugal» e «A Fuga», por Ernesto Vieira e «A Sonata» por José Viana da Mota.

Legou-nos ainda dois preciosos livros: «De Música», valiosa compilação de cartas, referências e artigos vários que lhe diziam respeito, e de interesse sob o ponto de vista musical; «Breviário do Música», dedicado aos seus discípulos, cuja 2.ª edição saiu em 1928.

Sobre pedagogia, editou o seu caderno de «Exercícios de mecanismo para piano» onde expôs a sua técnica e o seu método.

Centenas de discípulos passaram pelas mãos de Rey Colaço.

Tratava-os a todos com carinho paternal.

A fazer-se admirar preferia tornar-se amado.

Não consentia que uma peça fôsse tocada «pouco mais ou menos».

Vigiava paralelamente a parte técnica e a parte estética duma obra.

Um jovem pianista, que fizesse provas não só de mecanismo proporcionadamente desenvolvido, mas também de bom senso musical, emprego discreto de pedais, qualidade de som e sobretudo de algumas intenções ou idealidade na interpretação do que executasse, era para o Mestre um motivo de o aceitar com júbilo como discípulo.

Em 1903 foi nomeado professor dos príncipes, sendo já pianista da Real Câmara.

Aquêle que foi o último rei de Portugal, encontrou no seu exílio os melhores amigos e leais conselheiros: o piano e o órgão. Especialmente, votava uma grande paixão por este último instrumento, que tocava com maestria. Saint-Saëns, a seu pedido, brindou-o com uma «Fantaisie pour orgue», composta em 1919.

Dos alunos talentosos de Mestre Rey Colaço, que fizeram carreira, dois, merecem referência especial: Jaime Silva (Filho) e José von Rosenstok.

O primeiro, é actualmente professor do curso superior de piano no Conservatório Nacional. O segundo, depois de concluir o curso no Conservatório, com a mais alta classificação, seguiu para Paris, na intenção de continuar a trabalhar com o célebre Alfred Cortot.

Este, depois de ouvir Rosenstok, impressionado com a magnífica técnica e personalidade interpretativa, que lhe foi patenteada, informando-se de quem tinha sido o grande mestre que em Portugal tão bem o orientara, concluiu por aconselhá-lo a encetar imediatamente a carreira de concertista, pois mais nada tinha a desvendar-lhe. José van Rosenstok, tem sido aplaudido nas principais cidades da França, Bélgica e Inglaterra.

Na noite de 22 de Fevereiro de 1929, o Conservatório Nacional de Música, realizou uma sessão à memória de Rey Colaço, na qual tomaram parte antigos discípulos seus, que executaram apenas obras do Mestre.

O eminente pianista Viana da Mota, abriu essa sessão com uma sentida alocução evocando: O artista, o pedagogo. O Conservatório, como preito de admiração e homenagem à memória de um dos seus mais ilustres professores, instituiu entre os prémios oficiais, o «Prémio» que tem o nome do grande Músico.

# O que Ramalho Ortigão

## já dizia da crítica subjectivista...

«Os séculos chamados de decadência artística são aqueles em que a arte, deixando de crer na energia colectiva que a subordina ao meio social, entra na fase do individualismo independente, solitário e cético.»

Quando um país se não assinala por superioridades e por triunfos decisivos na concorrência das raças, a arte, não vibrando na comoção geral do seu tempo, não obedecendo à corrente sugestiva das acções praticadas ou das idéas em giro, cai na misantropia da análise, no virtuosismo pessoal, na contemplação estéril. A falta de caracteres superiores examinam-se temperamentos raros. A falta de virtudes indiscutíveis estudam-se aberrações curiosas. Um tédio corrosivo e entenebrecedor apodera-se do homem indiferente às especulações e aos interesses da sua época. O poder creativo não se determina pelo entusiasmo, mas sim pelo desprêso, e uma espécie de mórbida voluptuosidade impelle à prescrutação mais engenhosa, mais delicada e mais subtil, dos elementos da corrupção, pondo todos os disvelos que se poderiam consagrar às grandes e fiéis imagens da vida natural e progressiva na descrição minuciosa e requintada de todos os sucessivos trâmites da irremediável caducidade.

Os períodos de intercadência (porque decadência absoluta não há na arte como a não há nos mais fenómenos do espírito) são unicamente aqueles em que os artistas, abandonando o rigoroso inquérito da criação e da sociedade, se imobilizam na mórbida reclusão autofágica da libertina fantasia.

Já Michelet o disse, tendo-o comprovado pela experiência universal da história: *Le rêve* é o mal dos mundos e das almas que findam.»

(A Holanda, 6.ª ed., págs. 315 e 344)

quinze